

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS SABALANGÁ E GURGUMBA COMO ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

José Benildo Miranda da Silva¹ Regina Maria de Oliveira Brasileiro²

RESUMO

As comunidades quilombolas existem historicamente pela manutenção dos elos fortes de sua identidade com o território delimitado tradicionalmente, apoiado pela práxis vivenciada e pela força demonstrada diante da opressão sofrida ao longo do tempo. Nessa perspectiva, as comunidades quilombolas se configuram como espaços que envolvem participação, interação social e trocas de saberes que contribuem de forma significativa no processo de ensinoaprendizagem. Desse modo, é imprescindível enxergar a importância do valor histórico e da riqueza cultural que as comunidades quilombolas representam no contexto educacional, tendo em vista o forte símbolo de luta e resistência que elas retratam no contexto social, bem como um lugar de aprendizagem. Com o intuito de compreendermos a relevância das comunidades quilombolas como espaços não formais de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), esta pesquisa tem como objetivo compreender como esses espaços estão sendo utilizados para a aprendizagem dos estudantes do ensino médio integrado no Instituto Federal de Alagoas (Ifal) no Campus Viçosa-AL. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que identificou como categoria de análise "A invisibilização das comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba enquanto espaços educativos não formais", a partir das respostas dos questionários destinados aos docentes do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio. Percebe-se que mesmo a maioria dos docentes lecionando no Instituto Federal de Alagoas entre 05 (cinco) e 15 (quinze) anos, eles não possuem experiência com práticas de ensinoaprendizagem em um espaço não formal na EPT. Isso reforça a necessidade da ampliação dessas práticas com o intuito de promover uma educação emancipatória numa perspectiva antirracista.

Palavras-chave: Espaços não formais, Educação Profissional e Tecnológica, Comunidades quilombolas, Educação emancipatória, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se mostrar a importância dos espaços não formais de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Nesse âmbito, a educação não formal se apresenta com um forte potencial de introduzir o indivíduo no contexto social com uma visão ampliada de tudo que o cerca, e envolve as vivências dos indivíduos e as suas múltiplas interações sociais na construção de uma formação política e

¹ Mestrando do Curso de Mestrados Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, <u>ibms2@aluno.ifal.edu.br</u>;

² Doutora em Educação, professora permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, regina.brasileiro@ifal.edu.br.



sociocultural como propósito almejado.

Nessa perspectiva, a educação não formal abre um leque de oportunidades que contribui de maneira significativa na formação integral dos indivíduos. Nesse contexto, os espaços educativos ultrapassam a sala de aula e alcançam "territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais". Dessa forma, a intencionalidade assume um papel preponderante na educação não formal, pois envolve ação, participação, aprendizagem e transmissão ou trocas de conhecimentos (Gohn, 2006, p. 29).

Nesse sentido, o problema de pesquisa se apresenta a partir da seguinte pergunta: Como os espaços não formais das comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba contribuem para o processo ensino-aprendizagem do Ifal Campus Viçosa? Dessa forma, esse trabalho busca incentivar a adesão de ações educativas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, contemplando os atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para a promoção de uma educação emancipatória, em um contexto social estruturado pelo racismo.

A metodologia utilizada nesse trabalho é de natureza qualitativa que envolve a categoria de análise "A invisibilização das comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba enquanto espaços educativos não formais", a partir das respostas dos questionários destinados aos docentes do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio.

Essa constatação é crucial para a inserção de ações educativas antirracistas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica com o objetivo primordial de minimizar os impactos negativos causados por um sistema cruel que propositalmente nega direitos básicos à população negra. Nessa perspectiva, as ações educativas antirracistas surgem como ferramentas de desconstrução de padrões racistas, promovendo atividades que diminuem a desigualdade social.

Diante disso, a educação não formal vem alcançando relevância no contexto educacional devido a vários fatores, entre eles: uma evidente disfunção da escola pública, bem como as pressões sociais envolvendo temas sensíveis no campo social da atualidade. Por esse viés, a educação formal, sendo basilar para a formação do indivíduo, tem apresentado alguns pontos limitantes que requerem mudanças profundas para atender às novas demandas. É importante salientar que o reconhecimento e valorização que a





educação não-formal vem ganhando no contexto escolar não pode de forma alguma desconsiderar a importância da educação formal, visto que elas são complementares, (Simson et al. 2001, p. 29).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que identificou como categoria de análise "A invisibilização das comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba enquanto espaços educativos não formais", a partir das respostas dos questionários destinados aos docentes do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio. Percebe-se que, mesmo a maioria dos docentes lecionando no Instituto Federal de Alagoas entre 05 (cinco) e 15 (quinze) anos, eles não possuem experiência com práticas de ensino-aprendizagem em um espaço não formal na EPT.

Sob o suporte de referenciais teóricos-metodológicos acerca dos espaços nãoformais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica, bem como a apresentação das Comunidades Quilombolas como símbolo de resistências e lugar de profundas aprendizagens. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a importância das práticas educativas que ocorrem além dos muros da escola e que contribuem ativamente na formação social do indivíduo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Relevância dos Espaços Não Formais na Educação Profissional e Tecnológica como Lugar de Práticas Educativas

Uma vez que realizamos algumas abordagens da importância dos espaços não formais no processo de ensino e aprendizagem no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, surge um panorama no pensamento que vislumbram a utilização desses espaços como fonte de práticas educativas que estejam aparelhadas com "fundamentos teóricos de uma formação integral, unitária e que tem a finalidade de formar o novo tipo de intelectual", (Gomes; Lima, 2021, p.370).

Por essa razão, é importante considerar os espaços não formais como um lugar de





profundas reflexões no contexto educacional, pois esses ambientes contêm características inerentes aos seus diferentes contextos. Assim, é importante a qualquer estudante a utilização dos espaços de educação não formal no seu processo formativo, no âmbito do ensino profissional, e assim, estimular observações mais profundas às questões de cidadania (Castilho, 2014. p. 34).

Dessa forma, entendemos que a educação informal e não-formal sempre andou de mãos dadas com a educação formal, sendo assim, promotoras de trocas de experiências educacionais que contribuem para o crescimento do indivíduo em seus diversos aspectos. A família, nesse sentido, exerce um papel fundamental, por ser o pilar de sustentação do elo existente entre a educação escolar e a educação transmitida nesse recinto peculiar. Assim, a contribuição da educação informal que o sujeito recebe no seio familiar continua sendo imprescindível para o fortalecimento do vínculo do indivíduo nos processos de escolarização.

Diante dos diferentes formatos de educação existentes, percebemos uma relação intrínseca entre eles, visto que o objetivo primordial dos processos educacionais é a formação do indivíduo como ser pensante que necessita adquirir habilidades para enfrentar os inúmeros desafios hodiernos e exercer com excelência as atribuições que lhe são pertinentes na condição de cidadão. Nesse sentido, a educação não formal, informal e formal, contribui de forma significativa para uma formação omnilateral do sujeito, ou seja, contempla o indivíduo integralmente (Almeida, 2014, p. 3).

Por esse viés, é preciso considerar que existe um diálogo estreito entre as modalidades educacionais, tendo em vista elas serem complementares e interdependentes. Dessa forma, é preciso fazer uma articulação categórica desses formatos educacionais, visando a uma maior interação do sujeito nas práticas educativas e com isso formar cidadãos bem capacitados para inseri-los no contexto social. Nesse âmbito, a apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos se constituem instrumentos necessários para a promoção de um mundo melhor.

Nesse sentido, vemos que a educação não formal, informal e formal se completa na ação transformadora do sujeito, pois todas as modalidades educacionais são promotoras de habilidades para a participação e envolvimento do indivíduo no contexto social ao qual se encontra inserido. Desse modo, o sujeito adquire ferramentas que são imprescindíveis para a sua atuação no complexo mundo do trabalho.





Diante do exposto, as práticas educativas, quando são organizadas em espaços não formais, se configuram como uma oportunidade promissora de fazer um forte elo do aluno com o mundo do trabalho. Isso também viabiliza a inserção do indivíduo no contexto social e político, preparado para enfrentar os inúmeros desafios que o cercam. Nesse sentido, é imprescindível a apropriação dos fundamentos históricos e filosóficos que norteiam as práticas pedagógicas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, com o intuito de compreender "as múltiplas relações e determinações que configuram a materialidade social das relações de produção e trabalho" (Gomes; Lima, 2021, p.370).

A Emancipação Humana como Resultado da Formação Integrada no Contexto da Educação Profissional e Tecnológica

No âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, a formação integrada surge como uma possibilidade de provocar mudanças significativas no contexto social. A Educação Profissional e Tecnológica pretende preparar o indivíduo para sua atuação no meio social ao qual se encontra inserido de forma consciente e com visão transformadora. A Educação Profissional corrobora com a histórica luta em prol da superação da estrutura opressora, que envolve a divisão de classes sociais, o trabalho e a educação.

Nesse sentido, convém corroborar com esse pensamento, visto que a educação na perspectiva integrada surge como uma possibilidade de transformação paulatina dessa realidade. Os processos educativos no contexto atual precisam fazer um direcionamento urgente para a formação integrada, visando à desconstrução dos pilares que sustentam o poder hegemônico de domínio do capital.

No entanto, a educação que vislumbramos para o futuro encontra-se, ainda, longe da perspectiva da formação "omnilateral, integral ou politécnica de todos, de forma pública e igualitária e sob a responsabilidade do estado", em que o sistema capitalista hegemônico se apropria da força de trabalho, até mesmo "dos filhos das classes populares que precisam trabalhar antes dos 18 anos de idade". Nesse sentido, formar tecnicamente o adolescente para o mercado de trabalho "potencializa a unilateralidade em detrimento da omnilateralidade" (Moura, 2013, p. 705).

Contudo, é imprescindível considerar nessa perspectiva da formação humana integral "o trabalho como princípio educativo", diante da necessidade que existe de





"superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho, entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar". Para isso, precisa-se impetrar a educação profissional vinculada ao ensino médio com o propósito da "formação omnilateral dos sujeitos" (Ramos, 2014, p. 84).

As Comunidades Quilombolas como Símbolo de Resistência e Lugar de Profundas Aprendizagens

As comunidades quilombolas existem historicamente pela manutenção dos elos fortes de sua identidade com o território delimitado tradicionalmente, apoiado pela práxis vivenciada e pela força demonstrada diante da opressão sofrida ao longo do tempo. Essa forte ligação dos quilombolas com a terra, com as manifestações culturais e sociais que envolvem "celebrações, construções de espaços sagrados e de vínculo com as memórias ancestrais. As relações e os modos de vida associam-se a outras características de natureza cultural e simbólica", desenvolvendo um sentimento mútuo de lutas em prol de reconhecimento e dignidade (Souza; Silva, 2021, p. 86).

É oportuno registrar que as comunidades quilombolas existentes no território brasileiro no contexto atual geralmente são formadas por indivíduos que mantêm um forte laço de parentesco, e isso reforça o sentimento de pertencimento e unidade comunitária que estimula a luta constante pelos direitos que foram suprimidos no decorrer do tempo, e mesmo assim, tentam de forma intencional apagar a riqueza cultural e social que essas comunidades oferecem. Veja o que diz Furtado et al. nesse sentido:

Além disso, o estigma da invisibilidade, atribuído a um passado histórico em que era necessário esconder-se para continuar existindo diante de um sistema colonialista opressor, é questionado na atualidade, pois essas comunidades tiveram que se tornar visíveis para reivindicar seus direitos perante o Estado. (Furtado et al, 2014, p.112).

Esta constatação é crucial para fomentar a luta dessas comunidades pelos direitos que lhes são peculiares. Desse modo, não se pode permitir que os interesses hegemônicos promovam o apagamento dessas comunidades quilombolas visando ao enfraquecimento da luta e dos questionamentos levantados ao longo do tempo. Nessa conjuntura, é de suma importância a criação das ações afirmativas como instrumento que minimize os impactos tão negativos da desigualdade social.





Nessa perspectiva, as comunidades quilombolas se configuram como espaços que envolvem participação, interação social e trocas de saberes que contribuem de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, é imprescindível enxergar a importância do valor histórico e da riqueza cultural que as comunidades quilombolas representam no contexto educacional, tendo em vista o forte símbolo de luta e resistência que elas retratam no contexto social, bem como um riquíssimo lugar de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o intuito de compreendermos a relevância das comunidades quilombolas como espaços não formais de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, buscamos saber se, de fato, esses espaços estão sendo utilizados pelo Ifal. A partir dessa dimensão, identificamos a categoria de análise - A invisibilização das comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba enquanto espaços educativos não formais – em que analisamos de acordo com as respostas dos questionários destinados aos discentes e docentes do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio.

O nosso estudo revelou que apenas 2 (dois) docentes realizaram alguma prática docente em um espaço não formal de ensino. Onde o docente 06 relata que realizou "visita técnica em Maceió com estudantes" e o docente 9 diz que fez "aula de campo". Percebemos que, mesmo a maioria dos docentes tendo um tempo considerável que leciona no Instituto Federal de Alagoas, ou seja, entre 5 (cinco) e 15 (quinze) anos, mesmo assim não possui experiência com essa rica prática de ensino-aprendizagem em um espaço não formal. Isso reforça a necessidade da ampliação dessas práticas com o intuito de promover uma educação emancipatória. Nesse sentido, veja o que dizem Gomes e Lima (2021):

Utilizar-se dos espaços não-formais de ensino é um dos caminhos que amplia ou dilata os espaços pedagógicos em direção à integração e a efetivação de uma concepção educativa emancipatória.

...A perspectiva com a qual pensamos o uso dos espaços não-formais como recurso para as práticas pedagógicas está alinhada com fundamentos teóricos de uma formação integral, unitária e que tem a finalidade de formar o novo tipo de intelectual. Por isso, dois princípios são levados em consideração: a) promover uma formação escolar que que garanta a inserção ativa dos egressos na sociedade política e nos processos organizativos da vida social, cultural etc.;





b) promover uma formação escolar que garanta a inserção ativa dos egressos no mundo do trabalho e da produção e da organização dos espaços produtivos e organizacionais.

Considerando que os estudantes já se encontram inseridos no mundo social, tal proposta educativa, sustenta-se como válida desde que a escola consiga ter como ponto de partida para as suas práticas educativas e pedagógicas a realidade vivida pelos estudantes, para então ampliar as experiências pessoais e colocá-los em contato com mundo mais amplo no qual política e organização da produção não se distinguem, se não metodologicamente. Isso significa afirmar que as práticas educativas e pedagógicas formais não devem extrair o estudante do contexto social e político no qual vive e sente o mundo. (Gomes e Lima, 2021, p.369, 370).

Desse modo, os espaços não-formais de ensino possibilitam a inserção de práticas educativas desenvolvidas pelos docentes, nas quais eles serão favorecidos na sua atuação profissional e na ampliação de sua bagagem de conhecimentos, bem como para os discentes que terão uma formação pessoal e profissional completa.

É importante salientar que, as comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba, apesar de serem reconhecidas pela Fundação Palmares e possuírem um grande significado sociocultural, não são usadas como espaços não-formais de ensino pelo Ifal Campus Viçosa. A nossa pesquisa revelou que os docentes, por unanimidade nunca realizaram uma visita técnica nas referidas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar a relevância dos espaços não formais de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Nesse sentido, foi feita uma reflexão a respeito da educação não formal como possibilidade de transformação da realidade social, em que o indivíduo amplia consideravelmente a sua visão de mundo, tornando-se consciente e preparado para enfrentar os desafios impostos pelo poder hegemônico.

Diante disso, pode-se perceber que as comunidades quilombolas, como espaços não formais de ensino, propiciam, através das manifestações sociais e culturais, bem como do seu valor histórico, um leque de contribuições para a formação dos indivíduos. Isso ocorre por meio dos processos de ensino e aprendizagem que são intencionalmente desenvolvidos nessas comunidades, com o objetivo de formar um ser humano consciente do seu papel na transformação do mundo, assumindo um elevado senso de criticidade e





que tenha o poder de provocar uma inquietação que leva o indivíduo a lutar pela libertação e pela transformação social.

Nota-se por meio desse estudo que a formação integrada no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica busca a emancipação humana. Entende-se, nesse sentido, que a educação não formal proporciona por intermédio dos processos educativos, a construção de novos conhecimentos por meio das múltiplas interações sociais que acontecem nesses importantes espaços. Dessa forma, a educação não formal vai além da educação formal e possibilita ao indivíduo uma gama de saberes que contribuem efetivamente na construção de cidadãos emancipados, por meio dos processos educativos apresentados.

Pode-se perceber a necessidade de novos estudos que apresentem a relevância dos espaços não formais de ensino para a formação do indivíduo. A inserção do discente em espaços não formais de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica possibilita a sua imersão em um mundo de novos conhecimentos. O contato desse sujeito com as práticas pedagógicas nesses espaços não formais vai formar, indubitavelmente, indivíduos capazes de transformar positivamente a sua realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi; OLIVEIRA, Silmara Sartoreto de. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. In. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor: Produções Didático-Pedagógicas. 2014.

CASTILHO, Evanizis Dias Frizzera, Perspectivas dos espaços de educação não formal e da abordagem CTSA na formação do técnico em mineração: um estudo de caso no Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Cachoeiro de Itapemirim, 2014.

FURTADO, M.B.Sucupira, R. L.,& Alves, C. B. (2014). Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. Psicologia & Sociedade, 26(1), 106-115.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas





colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação das políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, Jarbas Mauricio; LIMA, André Suêldo Tavares de. OS ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE ENSINO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO. Humanidades e Inovação, [s. 1], p. 366-379, 12 nov. 2021. Mensal. https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10529. Acesso em 01/set.2025

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrada subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 39, n. 3. p. 705-720, ju./set., 2013.

RAMOS, Marise Nogueira, história e política da educação profissional, 2014.

SILVA, Gilvânia Maria da; SOUZA, Bárbara Oliveira. QUILOMBOS E A LUTA CONTRA O RACISMO NO CONTEXTO DA PANDEMIA. 2021.

SIMSON, Olga Rodrigues De Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro; AFONSO, Almerindo Janela. EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: CENÁRIOS DA CRIAÇÃO. Campinas- São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

